

Movimentos Modernos

JEANINE MAFRA MIGLIORINI

(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Movimentos Modernos

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S623	Movimentos modernos [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-85107-39-0 DOI 10.22533/at.ed.390182609 1. Arquitetura. 2. Arte moderna. I. Migliorini, Jeanine Mafra. CDD 720
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chamamos de moderno o que é atual, inovador, e às vezes inusitado. Entretanto este termo é também aplicado a um recorte histórico, do início do século XX até meados dele. Foi caracterizado como um período de grandes rupturas de padrões, de estética, de quebras de paradigmas. Podemos dizer que é uma das consequências da Revolução Industrial, que trouxe velocidade à sociedade, e novos anseios; estes novos desejos ajudaram a expandir as ideias do movimento moderno.

Por muito tempo a sociedade fez uso da estética clássica, produzida pelos gregos, com seus ideais de beleza. A arte moderna foi o primeiro movimento artístico a romper com esta ordem. Em meio a um contexto de novas ansiedades, novas conquistas e também de grandes guerras; a necessidade de mudança se fez presente, e encontrou terreno fértil. A arte se resignificava e ganhava novas funções, como a de questionamento da sociedade vigente. A arquitetura trazia para seus projetos o desenvolvimento industrial e alinhava forma e função em suas produções. A dança ganha novos ares, com uma nova realidade para a mulher, a exploração de movimentos, do corpo, tão reprimido até então. O design avançava a passos largos com as novas tecnologias.

Nessa modernidade já não cabe um único estilo artístico unânime entre os produtores e receptores, as possibilidades se ampliam. Surgem diversas vertentes artísticas, as chamadas vanguardas, que defendem seus ideais. Na arquitetura estilos se espalham pelo mundo, com características diferentes, mas com um objetivo em comum, produzir uma arquitetura de qualidade com as novas possibilidades tecnológicas, uma arquitetura dita verdadeira.

Este livro se propõe a apresentar discussões sobre recortes desta temática. Neste cenário surgem questões acerca da arquitetura modernista: nomes como Lina Bo Bardi, uma mulher visionária, capaz de produções que impressionam até os dias atuais; as novas funções da habitação e seu impacto na sociedade; novos espaços e suas características. Como essa modernidade atuou nas representações sociais. Até mesmo em outras linguagens artísticas como a dança. Todo esse contexto favoreceu inúmeros caminhos, estes levam a criação de discursos, que são responsáveis pela arte ser o que é, ou por um artista chegar ao conhecimento do público, ou ainda, como apresentado aqui: como o discurso influencia em determinados projetos, principalmente os de cunho público.

O movimento moderno é além de um recorte histórico de estilos e características, é um novo modo de viver, em uma sociedade cada vez mais complexa, tecnológica e com uma infinidade de novas possibilidades para o homem, enquanto ser humano e ser social.

Uma ótima leitura! Que este livro lhe desperte um novo olhar para o moderno.

Prof.^a Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESCOLAS MODERNAS PARA UMA NOVA PEDAGOGIA – O MOVIMENTO ESCOLA NOVA E A MODERNIZAÇÃO DA ARQUITETURA ESCOLAR PARAIBANA (DÉCADA DE 1930)	
<i>Marina Goldfarb</i> <i>Nelci Tinem</i>	
CAPÍTULO 2	17
DANÇA E MODERNIDADE: HISTORICIDADE E REIMAGINAÇÃO EM PRÁTICAS CURRICULARES	
<i>Candice Didonet</i>	
CAPÍTULO 3	28
A ESCOLA DE ULM E O DESIGN GRÁFICO DAS REVISTAS <i>MÓDULO</i> E <i>SUMMA</i>	
<i>Mario Guidoux Gonzaga</i> <i>Rodrigo Steiner Leães</i>	
CAPÍTULO 4	41
A EXPRESSÃO DO PENSAMENTO MODERNO DE LINA BO BARDI: UMA ANÁLISE DE ESCRITOS DA ARQUITETA PARA REVISTAS ITALIANAS ENTRE 1940 E 1946	
<i>Maria Izabel Rêgo Cabral</i> <i>Virgínia Pereira Cavalcanti</i>	
CAPÍTULO 5	55
O NOVECENTO E OS JORNAIS: A REPRESENTAÇÃO DE UM MODERNISMO.	
<i>Gustavo de Almeida Sampaio</i>	
CAPÍTULO 6	67
DUPLEX MODERNO: O EDIFÍCIO FLORIDA	
<i>Denise Vianna Nunes</i>	
CAPÍTULO 7	80
FERNANDO CHACEL E A PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM CONSTRUÍDA: A PRAÇA DA VILA OPERADORA DE FURNAS EM PLANURA/MG	
<i>Maria Eliza Alves Guerra</i> <i>Guilherme Silva Graciano</i>	
CAPÍTULO 8	97
O ANEXO LEGISLATIVO DO ESTADO DO PARANÁ EM CURITIBA	
<i>Isabella Caroline Januário</i> <i>Renato Leão Rego</i>	
CAPÍTULO 9	108
O PAPEL DO DISCURSO NA CONSTRUÇÃO DO AEROPORTO SANTOS DUMONT	
<i>Lila Ribeiro Mota Etges</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	121

ESCOLAS MODERNAS PARA UMA NOVA PEDAGOGIA – O MOVIMENTO ESCOLA NOVA E A MODERNIZAÇÃO DA ARQUITETURA ESCOLAR PARAIBANA (DÉCADA DE 1930)

Marina Goldfarb

UFRN, doutoranda do PPGAU.

João Pessoa – Paraíba

Nelci Tinem

UFPB, professora Titular, Departamento de Arquitetura e Urbanismo e PPGAU. UFRN, professora colaboradora do PPGAU.

João Pessoa – Paraíba

RESUMO: Este artigo discute a relação entre dois movimentos de modernização em curso no Brasil durante a década de 1930: na pedagogia, o movimento Escola Nova, e na arquitetura, o Movimento Moderno, tendo como objeto empírico as edificações escolares resultantes da reforma educacional da Paraíba, de 1935. Nosso objetivo é verificar como se produziu a modernização da arquitetura escolar paraibana na década de 1930, com a adoção das ideias do movimento Escola Nova. Para isso, foi analisado o complexo educacional correspondente ao antigo Instituto de Educação da Paraíba, instituição projetada como modelo do novo sistema educacional paraibano seguindo os pressupostos da “verdadeira arquitetura moderna”. O projeto do Instituto de Educação da Paraíba foi examinado juntamente com memorial de sua construção (JOFFILY, 1937), à luz dos princípios da Escola Nova, principalmente os divulgados no Manifesto

dos Pioneiros da Educação Nova (1932), um dos documentos mais importantes em âmbito nacional desse movimento pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Escolar. Escola Nova. Arquitetura moderna.

ABSTRACT: This article discusses the relationship between two modernization movements underway in Brazil during the 1930s: in pedagogy, the New School movement, and in architecture, the Modern Movement, having as an empirical object the school buildings resulting from the educational reform of Paraíba, of 1935. Our objective is to verify how the modernization of the school architecture in the 1930's took place, with the adoption of the ideas of the New School movement. For that, we analyzed the educational complex corresponding to the former Education Institute of Paraíba, an institution designed as a model of the new educational system in Paraíba, following the presuppositions of the “true modern architecture”. The project of the Paraíba Institute of Education was examined together with a memorial of its construction (JOFFILY, 1937), in light of the principles of the New School, especially those published in the Manifesto of the New Education Pioneers (1932), one of the most important documents in scope of this pedagogical movement.

KEYWORDS: Architecture of schools. New School movement. Modern architecture.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo trata da relação entre dois movimentos de modernização em curso no Brasil durante a década de 1930: na pedagogia, o movimento Escola Nova, que pregava o ensino voltado para o processo de aprendizado do educando, através da atividade prática, em reação à educação tradicional, e na arquitetura, o Movimento Moderno, tendo como objeto empírico as edificações escolares resultantes da reforma educacional da Paraíba, de 1935.

No Brasil, a década de 1930 é retratada como um período de muitas mudanças, a começar pelo cenário político, com a Revolução de outubro de 1930, que marca o início da Era Vargas. A modernização do país era ansiada em diversos âmbitos. No setor educacional, eram difundidas as ideias pedagógicas da Escola Nova, que pregava o ensino voltado para o processo de aprendizado do educando, através da atividade prática, em reação à educação tradicional. A educação buscava incorporar os avanços do saber científico, passando a ter forte influência da psicologia, mas também de outras áreas: “a antropologia, a sociologia, o próprio direito, a medicina através da higiene e da educação física, a arquitetura, procuravam conformar a ‘nova escola’, adequando-a aos tempos modernos” (KULESZA, 2002: 86).

As ideias desse movimento resultaram em reformas do ensino público em vários estados do país. Para implantar a pedagogia almejada, algumas dessas reformas pedagógicas indicavam a criação de novos tipos de edifícios escolares, que poderiam adaptar-se melhor aos métodos de ensino propostos, seguindo a recomendação de serem construídos segundo os princípios da arquitetura moderna. Na Paraíba, com a Reforma da Instrução Pública de 1935, também foram propostos novos tipos de grupos escolares que seriam construídos no interior do estado e a construção do Instituto de Educação, composto de três edifícios (Jardim da Infância; o edifício central, onde funcionaria a Escola Secundária e a Escola de Professores; e outro para a Escola de Aplicação), na capital, João Pessoa.

Dentro desse contexto, pretendemos verificar como se produziu a modernização da arquitetura escolar paraibana na década de 1930, com a adoção das ideias do movimento Escola Nova. Para isso, foi analisado o complexo educacional correspondente ao antigo Instituto de Educação da Paraíba, instituição projetada como modelo do novo sistema educacional paraibano, segundo os pressupostos da “verdadeira architectura moderna [...] procurando atender sobretudo às reais necessidades do futuro estabelecimento de ensino...” (JOFFILY, 1937:01). O projeto do Instituto de Educação da Paraíba foi examinado juntamente com memorial de sua construção (JOFFILY, 1937), à luz das ideias da Escola Nova, principalmente as que foram divulgadas no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), um dos documentos mais importantes em âmbito nacional desse movimento pedagógico.

Nesse momento, a arquitetura moderna ainda não estava consolidada no Brasil,

seus arquitetos ainda tinham que explicar e defender tal escolha, disputando lugar com os adeptos das correntes neocolonial e acadêmica (CAVALCANTI, 2006:13). Portanto, essa experiência singular, de construção de uma nova linguagem para arquitetura escolar visando uma nova prática de ensino, produzida em um período anterior à popularização do movimento moderno no Brasil, constitui um episódio importante a ser estudado.

2 | REFORMAS EDUCACIONAIS NO BRASIL E SUAS PROPOSTAS PARA EIFÍCIOS ESCOLARES MODERNOS

O movimento Escola Nova surgiu na Europa e nos Estados Unidos, no fim do século XIX, como uma reação à educação tradicional. É considerado o mais vigoroso movimento de renovação da educação depois da criação da escola pública burguesa, ao dialogar com a sociologia da educação e da psicologia educacional, com ideias que valorizavam a auto formação e a atividade espontânea da criança. (GADOTTI, 2005: 142).

No Brasil, as ideias do movimento Escola Nova passam a se difundir de forma sistemática a partir da década de 1920, resultando em reformas na instrução pública de vários estados do país. (NAGLE, 1974: 241). Como afirmação das ideias do movimento Escola Nova no Brasil foi publicado, em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Este manifesto teve como redator principal Fernando de Azevedo e contou também com a participação de vários intelectuais brasileiros, como Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Cecília Meireles, entre outros, no total de 26 signatários. Reivindicava que todo indivíduo tinha direito de ser educado, independentemente de suas razões de ordem econômica e social. O foco do aprendizado voltado para as experiências do educando, e não mais somente pela recepção do conhecimento do professor, é uma das principais premissas do Manifesto:

A nova doutrina, que não considera a função educacional como uma função de superposição ou de acréscimo, segundo a qual o educando é ‘modelado exteriormente’ (escola tradicional), mas uma função complexa de ações e reações em que o espírito cresce de ‘dentro para fora’, substitui o mecanismo pela vida (atividade funcional) e transfere para a criança e para o respeito de sua personalidade o eixo da escola e o centro de gravidade do problema da educação (MANIFESTO..., 1932).

O ensino deveria ser laico, gratuito, obrigatório e promovido para ambos os sexos sem separações (coeducação), ao contrário do que era praticado até então. Além disso, a escola não deveria ficar isolada no ambiente, mas influir e se comunicar com a sociedade, tornando-se uma “escola socializada”, que harmonizaria os interesses individuais aos coletivos.

A primeira reforma educacional brasileira a propor a construção de escolas adotando a arquitetura moderna ocorreu no Rio de Janeiro, (correspondia ao Distrito

Federal, na época) empreendida por Anísio Teixeira em 1931, quando ocupou o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Anísio Teixeira defendia que a arquitetura das novas escolas deveria se transformar, assim como a nova maneira de ensinar que elas iriam promover e para isso ser construída com os preceitos do Movimento Moderno, pois acreditava-se que se adequariam melhor a um ensino dinâmico, livre, inovador, e de bases científicas (DÓREA, 2003: 73).

A arquitetura dessas escolas provocou admiração e estranhamento na população carioca da época, pois nesse momento a arquitetura moderna ainda não era tão popular, tendo que disputar espaço com outros estilos, como o ecletismo e o neocolonial cujo maior defensor, José Mariano Filho, ficou revoltado com as novas construções escolares cariocas, que seriam uma má influência para as crianças, por suas origens “comunistas” e por não favorecerem o sentimento de nacionalismo:

[...] A adoção sistemática, às populações escolares, de um gênero de arquitetura de todo estranho ao sentimento espiritual da raça constitui ao meu ver um ato criminoso. [...] Há quem ponha em prática as ideias comunistas recebendo secretamente, para tal, dinheiro dos comitês internacionais de propaganda. Anísio tem nas mãos o dinheiro da nação, para demonstrar às populações escolares que a pátria brasileira não possui arquitetura própria. (“Arquitetura escolar”, MARIANO FILHO, 1943:75-76)

Anísio Teixeira propõe para o Distrito Federal (RJ) um sistema escolar com edificações de duas naturezas:

- as escolas nucleares (ou escolas classe), onde ocorreria o ensino em salas de aula, das disciplinas curriculares comuns, como português, matemática, história, geografia e ciências;
- os parques escolares (ou escolas parque), onde aconteceriam atividades de educação física, recreação, jogos, desenho, artes industriais, música, educação social e educação da saúde.

Nesse sistema, os alunos deveriam frequentar regularmente os dois tipos de escolas, cada uma em um turno, sendo que em um teriam a formação intelectual e no outro turno a formação cultural, física e social, resultando em uma proposta de ensino integral (FERNANDES, 2006:73). Propôs também escolas do sistema *Platoon* de organização, que uniam em uma única edificação as salas de aula comuns e as salas especiais do parque escolar (de arte, música, desenho, trabalhos manuais, esportes), mas nesse modelo os alunos não teriam salas fixas, as turmas circulariam em “pelotões” (daí o nome *Platoon*) pela escola (OLIVEIRA, 2007: 90).

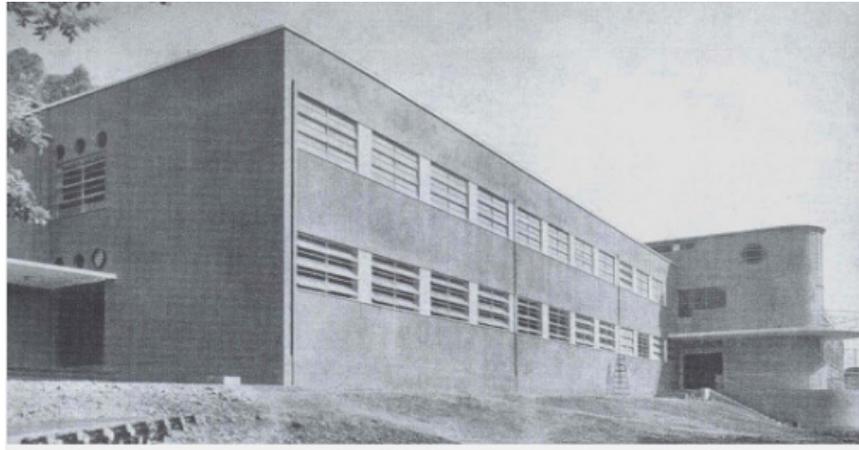
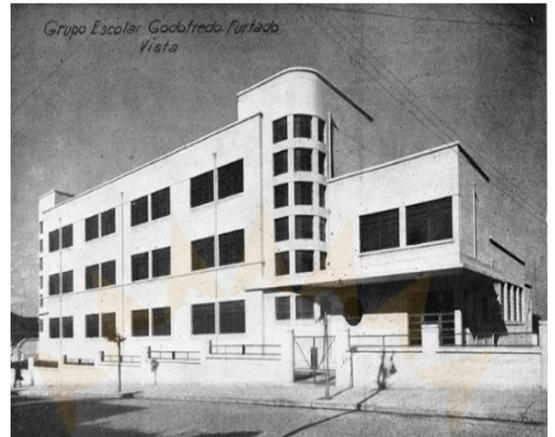
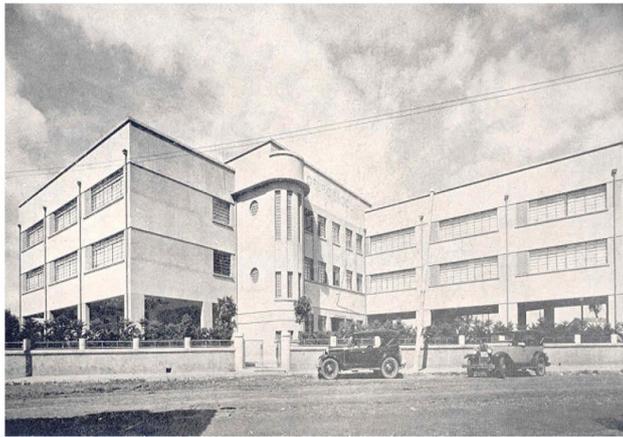


Figura 1: Escola tipo *Platoon* de 25 classes (Rio de Janeiro, 1935)

Fonte: Dórea, 2003

Foram projetados por Enéas Silva (arquiteto chefe da Divisão de Prédios e Aparelhamentos Escolares do Rio de Janeiro) e sua equipe, cinco modelos diferentes de edifícios escolares – duas escolas classe (Escola Mínima, com 2 classes e Escola Nuclear com 12 classes) e três escolas *Platoon* (com 12, 16 e 25 classes), além do parque escolar. A reforma educacional de Anísio Teixeira resultou na construção de 28 escolas no Distrito Federal, entre 1934 e 1935 (DÓREA, 2003), de acordo com os novos modelos de edificações escolares, de linguagem moderna. A importância dessas escolas atingiu a escala urbana do Rio de Janeiro, pois os novos conjuntos habitacionais deveriam ser dimensionados de acordo com o tipo de escola implantado na região, tomando como base para a quantidade de habitações o número de crianças que estudariam em cada unidade escolar (BRUNA, 2010).

Em São Paulo foi a reforma da instrução pública realizada por Fernando de Azevedo (Diretor do Departamento de Educação do Estado de São Paulo) em 1933, que propôs os “princípios de uma nova linguagem” na arquitetura de seus edifícios escolares (BUFFA, 2002: 67). O novo Código de Educação estabeleceu a criação da Comissão Permanente de Prédios Escolares do Estado de São Paulo, responsável pela publicação “Novos Prédios para Grupo Escolar” (SÃO PAULO, 1936), que explicava as diretrizes com que os edifícios deveriam ser construídos, como por exemplo, janelas horizontais em fita para melhor iluminação das salas de aula, presença de auditório como ambiente multiuso, implantação dos edifícios no lote visando melhor conforto térmico, entre outras.



Figuras 2 e 3: Grupo Escolar Visconde de Congonhas do Campo e Grupo Escolar Godofredo Furtado, São Paulo, 1938.

Fonte: Oliveira, 2007.

O arquiteto da comissão, José Maria da Silva Neves, argumentava que “o exemplo universal nos aconselha a seguir os princípios da arquitetura funcional, a única resultante das conquistas da civilização moderna” (OLIVEIRA, 2007:72). Ou seja, defendia os princípios do movimento moderno em seus projetos de edifícios escolares que totalizaram onze escolas, construídas entre 1936 e 1938:

Sejamos artistas do nosso tempo e teremos realizado uma nobre missão. Não podemos admitir hoje uma arquitetura que não seja racional, pois, a escola deve aproveitar de todo o conforto das construções modernas, de todas as conquistas da ciência no sentido de realizar a perfeição sob o ponto de vista da higiene pedagógica (SÃO PAULO, 1936: 64 apud JOFFILY, 1937:01).

3 | NA PARAÍBA: EDIFÍCIOS MODERNOS PARA EDUCAR “ATÉ NO MAIS REMOTO SERTÃO”

Na Paraíba, o ideário da Escola Nova influencia a Reforma da Instrução Pública de 1935. Instituída pelo professor José Baptista de Mello, diretor da Instrução Pública da Paraíba, pretendia: “[...] alterar todo o edifício educativo, da base ao vértice, atingindo métodos, processos e sistemas pedagógicos...” (MELLO, 1936).

Antes de elaborar o plano de reforma educacional, José Baptista de Mello viajou para o Rio de Janeiro e São Paulo, para se atualizar através do estudo in loco da situação educacional desses estados. Seu relatório de viagem informa sobre os principais pontos que observou junto aos estabelecimentos de instrução do Distrito Federal, Estado do Rio de Janeiro e São Paulo. Durante o período de estudo, conviveu com Anísio Teixeira, Lourenço Filho, entre outros que “formam a vanguarda do movimento educacional” (MELLO, 1935).

No Distrito Federal, Mello (1935:14) fica impressionado com as Escolas Experimentais, aquelas em que era praticado o Sistema *Platoon*. Explica que “orientando o ensino nos processos da escola nova”, estas escolas adquiriram “uma marcante feição

renovadora”. Ressalta que possuíam “salas ambientes e aparelhamentos adequados à realização dos novos métodos de educação”, sendo os primeiros estabelecimentos do gênero fundados no Brasil.

Sobre o que observou em São Paulo, Mello comentou que este estado não acompanhou a renovação escolar que acontecia no Rio de Janeiro. Entretanto, achava que sua administração encarava corajosamente o problema da educação popular, que lá era um desafio devido ao crescente aumento da população infantil. É possível que Mello tenha considerado que a renovação escolar de São Paulo não acompanhou a do Rio de Janeiro, porque as novas escolas resultantes da reforma educacional paulista foram construídas após sua viagem. Mello esteve em São Paulo em 1935, e as escolas paulistas com as novas diretrizes foram projetadas entre 1936 a 1939, ou seja, as novas escolas de São Paulo foram projetadas ao mesmo tempo em que as novas construções escolares resultantes da reforma de ensino paraibana, mas ainda receberam influência do manual, “Novos Prédios para Grupo Escolar” elaborado pela comissão responsável pelas escolas paulistas.

A nova lei do ensino estabeleceu a renovação do mobiliário e das instalações escolares, construção de novos tipos de edifícios para grupos escolares “obedecendo às últimas prescrições da arquitetura escolar”, que seriam construídos no interior do estado e a criação, na capital, João Pessoa, do Instituto de Educação da Paraíba, um complexo educacional que formaria professores aptos para o ensino moderno.

Iniciou-se a construção, na segunda metade do ano de 1937, de cinco grupos escolares seguindo as novas diretrizes em diferentes cidades do interior da Paraíba. Estes novos grupos escolares possuíam: “gabinetes médicos e odontológicos, salas para diretoria e professores, pavilhão de recreio, etc.” ambientes importantes para educar a população segundo os costumes modernos que o Estado ansiava por propagar:

Todos os grupos escolares vêm tendo completo acabamento e as suas instalações de água, esgoto e luz obedecem às indicações modernas, tudo se tendo previsto no sentido de assegurar aos educandos, mesmo no mais remoto sertão, a maior soma possível de conforto, no propósito de levar aos mais afastados recantos do Estado realizações que por si mesmas contribuirão notavelmente na formação das novas gerações, pois o edifício da escola irá exercer também a sua função educativa dando, não só aos alunos como a população das localidades beneficiadas, modernas noções de bem estar e higiene. (REALIZAÇÕES DO GOVERNO..., 1938).

A Diretoria de Viação e Obras Públicas da Paraíba (DVOP) ficou encarregada da execução do Instituto de Educação paraibano, que foi projetado entre 1936 e 1937 pelo arquiteto Clodoaldo Gouveia, com a colaboração do engenheiro e chefe da repartição, Ítalo Joffily. A inauguração do Instituto de Educação ocorreu em 19 de abril de 1939. Foi considerado na época de sua construção “um notável empreendimento, não só para Paraíba como para todo o Brasil” (REALIZAÇÕES DO GOVERNO..., 1938).

4 | ARQUITETURA MODERNA PARA UMA NOVA ESCOLA: O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA PARAÍBA

4.1 Um espaço urbano e implantação inovadores para uma nova escola

O complexo educacional do Instituto de Educação da Paraíba se instalou em um amplo terreno localizado às margens do recém-inaugurado “*park-way*” da Lagoa (atual Avenida Getúlio Vargas), avenida que foi sendo urbanizada ao mesmo tempo em que os edifícios eram construídos. Fruto do plano de remodelação urbana de Nestor de Figueiredo, essa avenida, com cinquenta metros de largura, partia da lagoa, uma área considerada até então, insalubre e feia, mas que ao ser urbanizada, passou a representar o eixo de desenvolvimento da cidade rumo ao leste (VIDAL, 2004:71).

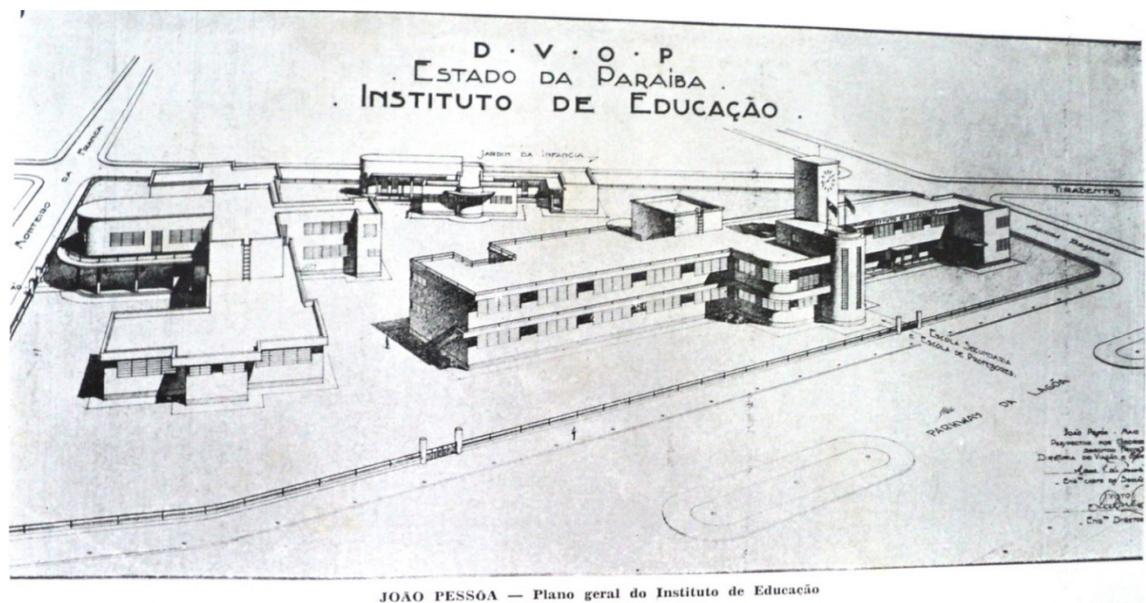


Figura 4: Perspectiva geral do Instituto de Educação, anteprojeto, 1936.

Fonte: REALIZAÇÕES DO GOVERNO..., 1938

A disposição dos edifícios do Instituto, soltos dos limites do lote, é uma das grandes inovações do projeto deste complexo educacional em relação às outras construções paraibanas da época em que foi construído. O seu plano previu ainda que entre eles haveria uma ampla área vaga, dispondo espaço para jardins, prática de esportes e brincadeiras ao ar livre, que poderia ser ocupada posteriormente caso os edifícios necessitassem de expansão, como realmente chegou a ocorrer. Além disso, a locação dos edifícios do Instituto foi projetada buscando a ventilação e insolação mais adequadas aos seus ambientes.

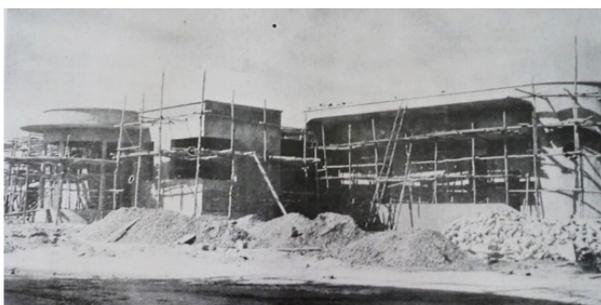
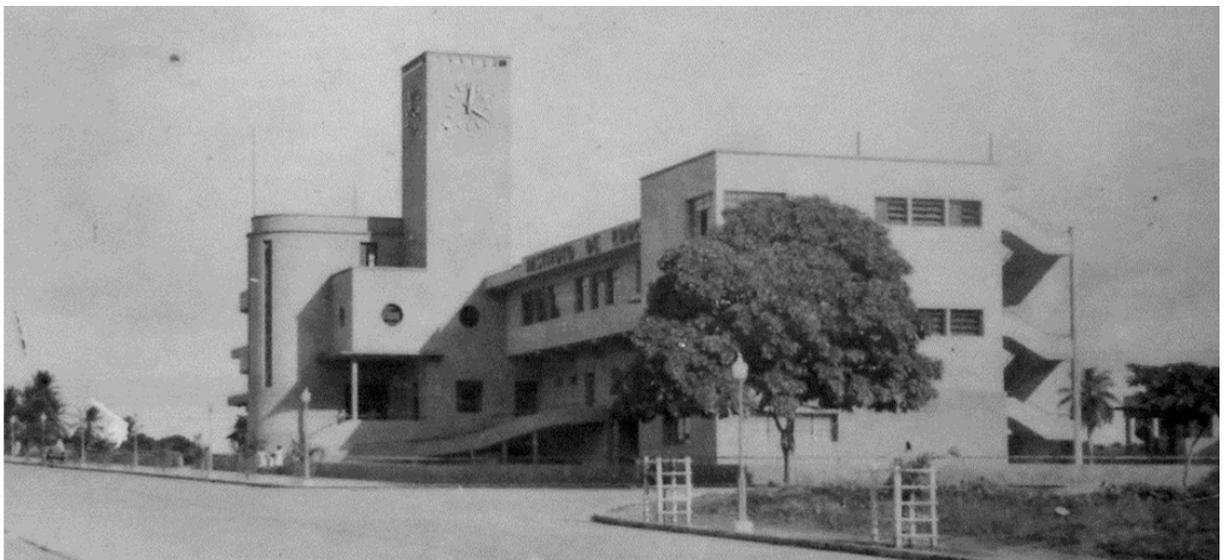
A implantação moderna adotada complementava a imagem que se desejava para a área do *park-way* da Lagoa, que já se tornava símbolo do progresso de João Pessoa. O próprio formato irregular, e a grande extensão do lote destinado ao Instituto (49.375 m²) já se diferenciavam do parcelamento urbano de maior parte da cidade, o que possibilitou mais liberdade volumétrica aos seus três edifícios, o que provavelmente

não seria possível caso tivesse sido escolhido para instalação do Instituto um lote nas partes mais antigas da cidade. Por estarem em meio ao lote, seus edifícios abandonam o tradicional formalismo de privilegiar somente a fachada de frente, em favor de um tratamento plástico de todo o conjunto. Dessa maneira buscou-se nas construções do Instituto uma expressão estética que fosse resultante da função de cada edifício do complexo escolar, como informou Joffily (1937: 02) no memorial da obra:

Cada um dos edifícios possuirá o seu carácter architectonico, estando dispostos de tal modo que de futuro será facil amplia-los. Guardarão entre si cunho individual bem accentuado, de accôrdo com a finalidade de cada um, sem prejuizo da interdependencia necessaria no sentido de, em conjuncto, contribuirem para a finalidade geral do Instituto.

4.2 Uma arquitetura moderna para o novo sentido da educação

O Plano inicial do Instituto previa a construção de três edifícios para atividades educacionais, que proporcionariam uma formação contínua da criança ao longo de seu desenvolvimento, até passarem da posição de alunos à de educadores: um edifício para o Jardim da Infância; o edifício central, onde funcionaria a Escola Secundária e a Escola de Professores; e outro para a Escola de Aplicação. Além desses três edifícios, o Instituto ainda deveria conter uma Escola de Puericultura, um estádio, um ginásio e uma piscina, entretanto estes não foram construídos, e nem ao menos chegaram a ser projetados



.Figuras 5, 6 e 7: Edifício central (1939), Jardim da infância, em construção (1938) e Escola de Aplicação (1960). Fonte: Goldfarb, 2013.

Assim como ocorreu na reforma educacional do Rio de Janeiro e na de São Paulo, na Paraíba também foi necessário explicar o que era a tal arquitetura moderna que as escolas deveriam adotar e justificar as suas vantagens para o ensino escolanovista. No memorial do Instituto de Educação da Paraíba, Joffily (1937:01) começa o texto informando que a iniciativa da construção deste complexo escolar é resultante do “novo sentido da educação”, que:

[...] veiu indicar como medida das mais immediatas a construcção de novos edificios onde possa funcionar com efficiencia o Instituto de Educação [...] tão rapido vem sendo o progresso do Estado e tão profundas e numerosas as innovações em materia pedagogica.

Desde o início já é esclarecida a intenção do plano original do Instituto de seguir os princípios pedagógicos da Escola Nova. Joffily (1937:01) considerava que “as escolas pedagógicas [...] conferem na verdade ao educando um novo ambiente de estudos onde a sua curiosidade natural de conhecimento encontra o campo mais favorável”. Um novo ambiente escolar passa a ser imprescindível para a plena realização das ideias escolanovistas: “A função do edifício é decisiva no êxito dos empreendimentos pois lhes dá o ambiente material indispensável. A casa exerce também a sua missão educativa” (JOFFILY, 1937:01). O papel pedagógico destes edifícios escolares é diversas vezes mencionado, evocando uma crença constante da arquitetura moderna de vanguarda, que considerava o ambiente construído como um instrumento de transformação social (KOPP, 1990).

O projeto do Instituto de Educação da Paraíba foi elaborado de acordo com princípios que condissessem com a educação que seria promovida, seguindo a orientação racional da “nova architectura”, ou seja, dos princípios da arquitetura moderna, os quais Joffily defende serem os mais adequados ao novo complexo educacional. Para Joffily (1937), era importante esclarecer “certos detalhes e normas da moderna architectura” e como sua base racional teria transformado “em sciencia a clássica arte de projectar”: O edifício e o mobiliário devem conter o absolutamente necessario, tirando-se todo o partido dos actuaes recursos technicos, desde o concreto armado da estrutura à indústria do acabamento. (JOFFILY, 1937: 01)

Para conceituar a “verdadeira architectura moderna”, termo usado diversas vezes no memorial para enfatizar sua adoção no projeto do Instituto, Joffily recorre a citações de Le Corbusier e Lúcio Costa, além de mencionar Adolf Loos. No entanto, adverte que a “verdadeira architectura moderna” não deveria ser confundida com o “falso moderno”, que seria uma tendência “onde à simplicidade das linhas de conjuncto se acrescentam detalhes decorativos, [...] que apenas traduzem uma preocupação desnecessaria de vestir os edificios [...]” (JOFFILY, 1937: 01). Os edifícios deveriam atender exclusivamente ao seu caráter funcional, com a maior eficiência possível, “procurando attender sobretudo às reaes necessidades do futuro estabelecimento de ensino, louvando-se em indicações que recebera do Departamento de Educação”

(JOFFILY, 1937:01).

Tais preocupações em definir e explicar o que seria a nova arquitetura proposta ao Instituto de Educação demonstra seu pioneirismo enquanto obra moderna de grande porte na Paraíba, em um período anterior a sua popularização e a busca por legitimar essa opção diante de outras manifestações arquitetônicas de diferentes modernidades, como o *art déco*, que estavam em voga.

Segundo Joffily (1937:03), o projeto dos edifícios do Instituto buscou a forma que melhor atendesse a sua finalidade, facilitasse ampliação posterior e fosse a mais econômica, desse modo, seria assim “despresado o typo classico de edificio com grande pateo central”, que era o modelo que os antigos grupos escolares paraibanos apresentavam, geralmente também condicionados pela simetria, reflexo da divisão dos edifícios pelo sexo dos alunos, em duas alas, a feminina e a masculina, com acesso ao interior somente na fachada principal.

Já os edifícios do Instituto de Educação, foram organizados por blocos funcionais em diferentes volumes, as salas de aulas dispostas de maneira linear, posicionadas de modo a ficarem mais confortáveis evitando o excesso de insolação, com o bloco administrativo no sentido transversal. O edifício central do Instituto possui uma variedade enorme de acessos (oito no total), inclusive direto ao segundo pavimento, promovendo maior flexibilidade de fluxos, e maior contato com o exterior, tanto com a rua quanto com o jardim atrás do prédio. A diversidade de acessos proporcionava mais liberdade aos alunos, além de deixar a escola mais aberta à sociedade, o que poderia estar relacionado ao ensino da Escola Nova (GOLDFARB, 2013).

Em relação à questão construtiva, os edifícios do Instituto foram erguidos com estrutura de alvenaria de tijolos cerâmicos comprimidos e parte com estrutura de concreto armado. De concreto armado, foram construídas as lajes entre os pavimentos, o terraço superior e as marquises. No edifício central a estrutura da torre e da rampa de entrada também é de concreto armado. De acordo com Joffily (1937:03), o uso do concreto armado foi interessante por possibilitar melhor distribuição interna e lajes em balanço.

Além dos requisitos de racionalidade, funcionalidade e eficiência, mencionados frequentemente por Joffily ao apresentar o plano do Instituto, para a execução da “verdadeira *architectura moderna*” era preciso adaptar as construções ao clima e as demais condições locais. Para isso deveriam ser criadas normas de construção específicas para cada região. Trajano Filho (2003) ressalta o caráter tropical do Edifício Central, por apresentar varandas de circulação, e comenta sobre as dificuldades do projeto em relacionar a estética racionalista pensada originalmente para outro clima bem diverso que o nosso, mas garantindo o conforto ambiental necessário ao clima dos trópicos.

Para legitimar sua afirmação, Joffily recorre ao artigo de autoria do arquiteto chefe da Seção Técnica de Projetos de grupos escolares de São Paulo, José Maria da Silva Neves, encontrado na publicação “Novos prédios para grupo escolar” (1936),

produzida pela Comissão Permanente de prédios escolares de São Paulo:

A architectura moderna exige o emprego de materiaes da região, attendendo as condições de clima, usos, costumes, etc. Obedecendo a esses princípios básicos crearemos um estylo regional para cada povo. Não deve haver temores quanto à monotonia da architectura. A architectura nacional brasileira virá naturalmente, apresentando aspectos característicos de cada Estado (SÃO PAULO, 1936: 64 apud JOFFILY, 1937:01).

A questão do conforto ambiental nos edifícios é onde a busca pela racionalidade da arquitetura no Instituto de Educação tem maior expressão. No memorial, Joffily considera a insolação e a ventilação como mais alguns dos requisitos para se levar em conta em uma construção escolar verdadeiramente moderna. A primeira medida para adequação climática no projeto deveria ser buscar a melhor orientação dos edifícios no terreno.

Assumpto de importancia capital no projecto de um edificio é a orientação que deve ser dada ás diversas peças do conjunto architectonico no sentido de se garantirem as melhores condições possíveis de conforto, tendo em vista o aproveitamento e correcção de certos factores ambientes que envolvem desde a questão das radiações solares e thermicas aos efeitos das chuvas, dos ventos, da humidade, etc. (JOFILLY, 1937:02)

Os três edifícios do Instituto de Educação foram locados no terreno de maneira a favorecer o conforto climático em seus ambientes, principalmente nas salas de aula. No interior dos edifícios, os ambientes também foram dispostos de modo a receberem muita ventilação, sem insolação excessiva. A inserção nos três edifícios de marquises e de corredores de circulação abertos, chamados de varandas, solucionavam essa questão, pois sombreavam as aberturas e permitiam que continuassem abertas mesmo quando estivesse chovendo, mantendo a ventilação.

As janelas nos edifícios escolares modernos, também teriam que ser cuidadosamente estudadas. O projeto adequado para as zonas tropicais deveria conciliar a necessidade de luz natural e ventilação com a redução ao mínimo do calor que poderia atingir as salas. Joffily (1937:01) ressalta que “Foi posto de parte o typo commum de janellas deixando entre si grandes intervallos”, como as janelas retangulares dos antigos grupos escolares, em favor da janela horizontal envidraçada, em fita. A altura do peitoril e da verga adotados para as janelas, também foram pensados cuidadosamente, para obter uma sala de aula mais confortável, ventilada, sem problemas de ofuscamento ou falta de iluminação.

Outro novo princípio previsto para o projeto do Instituto de Educação é a possibilidade de expansão futura de seus edifícios, de maneira fácil e econômica, sem subordiná-los aos limites acadêmicos da simetria (JOFFILY, 1937:04). Esta é considerada mais uma vantagem do emprego da arquitetura moderna nas edificações escolares, que não era encontrada antes, nos edifícios escolares tradicionais, que eram projetados como um todo, restrito, sem a previsão de ampliação. O caráter de “obra inacabada” era ainda mais importante para as edificações escolares, já que possibilitaria a expansão da construção de acordo com o aumento da população em

idade escolar. Essa característica da edificação escolar era defendida por Lourenço Filho, reformador do ensino público de São Paulo.

O projeto do Instituto de Educação procurou introduzir em seus edifícios “as modernas indicações da architectura escolar”. Para Joffily (1937:01), estas indicações esclareciam os elementos essenciais que as novas escolas deveriam possuir. O auditório é um desses elementos, e teve grande importância no projeto dos três edifícios do Instituto, e em todos se destacou volumetricamente das demais funções, através da maior área reservada e finalização semicircular.

O auditório era um ambiente que possuía diversas finalidades, pois poderia abrigar apresentações de cinema, teatrais e musicais, palestras, assembleias e reuniões do corpo docente. A maior valorização da leitura levou a construção de bibliotecas no edifício central e na escola de aplicação. O edifício central e a escola de aplicação apresentam também museu e laboratórios, que representam a busca por uma educação mais científica e prática. Segundo o memorial o Instituto de Educação ainda deveria possuir diferentes equipamentos de educação física para que os alunos se desenvolvessem de maneira saudável e para que os esportes estimulassem a sociabilidade entre eles, mas não chegaram a ser projetados.

Outros ambientes presentes nos três edifícios do complexo educativo refletem o caráter inclusivo da Escola Nova, que pretendia desenvolver um ensino gratuito e igualitário, para todas as classes sociais. Então, foram construídos espaços onde ocorreriam atividades de assistência aos alunos de família de baixa renda, como por exemplo, o provimento de alimentação, que fez surgir nas construções escolares cozinha, cantina e refeitório, a assistência médica e de dentista, onde cada profissional ocupava uma sala separada, e implantação de vestiários com chuveiros no interior de cada escola, que seria “uma das maneiras de iniciar os educandos, principalmente os das classes pobres, na pratica do asseio corporal” (JOFFILY, 1937).

Embora o projeto do Instituto de Educação da Paraíba tenha buscado com entusiasmo a construção de uma obra dentro dos princípios da “verdadeira architectura moderna”, Joffily reconhece que na Paraíba ainda tinham que enfrentar inúmeras dificuldades, como a falta de materiais e de mão de obra especializada, para sua execução. A execução da obra, que se deu procurando ser “bem acabada e de preço relativamente inferior ao que seria de esperar”, mesmo com as dificuldades, foi resultante do esforço da Diretoria de Viação e Obras Públicas, que empregou “uma somma consideravel de vontade e dedicação para levar a bom exito semelhante empreendimento”, conforme informou Joffily (1937:03), ao discorrer no memorial sobre os desafios enfrentados pela equipe para desenvolver a arquitetura moderna na Paraíba.

5 | CONCLUSÕES

Com este estudo, percebemos que a educação atuou como um agente, em meios a tantos outros, que incentivou a promoção da arquitetura moderna no Brasil, desde o início da década de 1930, período em que esta arquitetura ainda não estava consolidada. Esse processo de modernização arquitetônica junto à pedagogia ocorreu não só em nossas grandes capitais, mas também em regiões consideradas periféricas, ao aliar o desejo de renovação do ensino da Escola Nova, com suas propostas mais inclusivas e pautadas na ciência, com a necessidade de adequação dos edifícios escolares, que não abrigariam mais só a elite e embelezariam suas áreas nobres com suas fachadas ecléticas, mas deveriam servir a todos e se espalhar por diversos pontos da cidade, introduzindo consigo o modo moderno de viver, que deveria progredir a sociedade brasileira como um todo, fosse no Distrito Federal ou numa pequena cidade do sertão paraibano.

Na Paraíba, além dos grupos escolares construídos no interior, a grande obra proposta com a reforma educacional de 1935 foi o Instituto de Educação da Paraíba, que teria função fundamental no processo de renovação do ensino, pois formaria os professores atualizados com os novos métodos. Sua arquitetura deveria servir de modelo para as novas escolas ao adotar os ideais do movimento moderno, em uma época que ainda era necessário explicar sua adoção, justificada pela economia, funcionalidade e racionalidade. Deveria ser uma construção baseada em preceitos científicos, assim como a educação desenvolvida em suas instalações.

O projeto do Instituto foi bastante influenciado pelas escolas propostas por Anísio Teixeira no Distrito Federal e pelas diretrizes para prédios escolares, publicadas em 1936, pela comissão de edifícios escolares de São Paulo. O seu memorial mostra que a DVOP buscava se atualizar através de suas referências à arquitetura moderna internacional e nacional e às normas técnicas internacionais para construção de escolas.

Foram projetados ambientes que proporcionariam um ensino mais prático, com salas de trabalhos manuais, laboratórios, museus e auditórios multiuso. Os edifícios do Instituto se comunicam com o exterior, abandonaram o aspecto de palacetes compactos, com espaços rigidamente controlados que as escolas tinham antes, e adotaram construções que se abrem para os jardins que convidavam às aulas ao ar livre e para a rua, que em um ensino escolanovista deveria se comunicar com a escola, já que esta deveria refletir a vida em sociedade.

A arquitetura moderna traria para as novas escolas edifícios mais confortáveis e higiênicos, com suas amplas janelas de vidro a cortar toda a sala de aula, deixando-a arejada e bem iluminada, e com suas lajes superiores que viraram terraços para prática de ginástica. A preocupação com a higiene e saúde, fez surgir nas escolas vestiários com chuveiros, gabinetes de médico e dentista e cantina para assistência alimentar, como modo de educar e suprimir as carências de uma população pobre que passava

a ter direito à educação.

Construir estas escolas seguindo a arquitetura moderna na Paraíba, durante a década de 1930, foi considerado um desafio, pela falta de mão de obra especializada e até mesmo de materiais de construção disponíveis, pela industrialização ainda incipiente. Além disso, estávamos em um momento de indagações sobre como solucionar questões que depois seriam fundamentais no reconhecimento da arquitetura moderna nacional, como a sua adaptação ao clima local. Mas mesmo com todas as contrariedades o desafio foi enfrentado, pois ainda havia a crença esperançosa ao construir estas escolas, na transformação social por meio da arquitetura moderna.

REFERÊNCIAS

BRUNA, Paulo. **Os primeiros arquitetos modernos: habitação social no Brasil 1930 – 1950**. São Paulo, Edusp, 2010.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e Educação: Organização do Espaço e Propostas Pedagógicas dos Grupos Escolares Paulistas, 1893/1971**. São Carlos: EDUFSCar/ INEP, 2002.

CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e Brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-1960)**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2006.

DÓREA, Célia Rosângela Dantas. **Anísio Teixeira e a Arquitetura Escolar: planejando escolas, construindo sonhos**. Doutorado (tese) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2005.

FERNANDES, Noemia Lucia Barradas. **Arquitetura escolar Carioca: edificações construídas entre 1930 e 1960**. Dissertação (mestrado) – UFRJ/ PROARQ, 2006.

GOLDFARB, Marina. **Arquitetura para uma nova escola: Modernização da arquitetura escolar de João Pessoa, 1930-1939**. Dissertação (mestrado) – UFPB/ PPGAU, 2013.

GOLDFARB, Marina; TINEM, Nelci. Escolas modernas para uma nova pedagogia – o movimento Escola Nova e a modernização da arquitetura escolar paraibana (década de 1930). In: 11º SEMINÁRIO NACIONAL DO DCOMOMO BRASIL. **Anais...** Recife: DCOMOMO_BR, 2016. p. 1-12.

JOFFILY, Ítalo. **Sobre o Plano do Instituto de Educação**. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1937.

KOPP, Anatole. **Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa**. São Paulo: Nobel, 1990.

KULESZA, Wojciech Andezej. **Genealogia da Escola Nova no Brasil**. Revista Educação em Foco. Vol 7 n° 2 Set/fev. 2002, Juiz de Fora p. 83-92.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA. **A Reconstrução Educacional do Brasil. Ao Povo e ao Governo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

MARIANO FILHO, José. À Margem do Problema Arquitetônico Nacional. Rio de Janeiro: (s.n.), 1943.

MELLO, José Baptista de. **Relatório apresentado ao Governador Argemiro de Figueiredo**. João

Pessoa, 1935.

MELLO, José Baptista de. **Plano de Reforma da Instrução Pública da Paraíba**. João Pessoa, 1935.

MELLO, José Baptista de. **Evolução do Ensino na Paraíba**. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1936.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: FENAME, 1974.

OLIVEIRA, Fabiana Valeck de. **Arquitetura escolar paulista nos anos 30**. Dissertação – FAU, São Paulo, 2007.

PARAÍBA. **Realizações do Governo Argemiro de Figueiredo**. João Pessoa: Departamento Estadual de Publicidade, 1938.

TRAJANO FILHO, Francisco Sales. Modernidade arquitetônica e internacionalismo nos trópicos - O Edifício Central do Instituto de Educação da Paraíba (1936-1939). **Anais do 6º Seminário DOCOMOMO Brasil**. 2005.

VIDAL, Wynna Carlos Lima. **Transformações urbanas: a modernização da capital Paraibana e o desenho da cidade, 1910 –1940**. Dissertação (mestrado) – UFPB/CT, 2004.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-39-0



9 788585 107390